

A História Oculta do Versículo Quarenta — Número Vinte e Cinco

Ezequiel Número Seis

Jeff Pippenger

2026-08-11

Tenho extraído de uma passagem dos Testimonies que apresenta várias linhas de verdade em conexão com a experiência de Ezequiel, Isaías e João no santuário. João voltou-se para ver uma voz por detrás de si em Apocalipse, capítulo um.

Fui arrebatado em Espírito no dia do Senhor, e ouvi detrás de mim uma grande voz, como de trombeta, que dizia: Eu sou o Alfa e o Ômega, o primeiro e o último; e: O que vês, escreve-o num livro e envia-o às sete igrejas que estão na Ásia: a Éfeso, e a Esmirna, e a Pérgamo, e a Tiatira, e a Sardes, e a Filadélfia, e a Laodiceia. E virei-me para ver a voz que falava comigo. E, tendo-me voltado, vi sete castiçais de ouro. Apocalipse 1:10–12.

Da ilha de Patmos e, em seguida, para o santuário celestial, onde João vê a visão de Cristo de que a Irmã White nos informa, trata-se da mesma visão que Daniel viu no capítulo dez de seu livro.

“‘Naqueles dias, eu, Daniel, estive pranteando durante três semanas inteiras. Não comi pão agradável, nem carne nem vinho entraram na minha boca, nem me ungi de modo algum.... Então levantei os meus olhos e olhei, e eis um certo homem vestido de linho, cujos lombos estavam cingidos com ouro fino de Ufaz. O seu corpo também era como o berilo, e o seu rosto como a aparência de relâmpago, e os seus olhos como tochas de fogo, e os seus braços e os seus pés como o fulgor do bronze polido, e a voz das suas palavras como a voz de uma multidão’ (Daniel 10:2–6).

“Esta descrição é semelhante àquela dada por João quando Cristo lhe foi revelado na ilha de Patmos. Nada menos que o próprio Filho de Deus apareceu a Daniel. Nosso Senhor vem com outro mensageiro celestial para ensinar a Daniel o que ocorreria nos últimos dias.” *Santified Life*, 49.

Os primeiros nove versículos identificam de que modo a Revelação de Jesus Cristo é deslacrada pouco antes do encerramento do tempo de graça da humanidade. A revelação foi dada por Deus a Jesus, que a deu a Gabriel, que a deu a João com a incumbência de João enviar a mensagem às sete igrejas. Isaías recebeu sua incumbência de fazer o mesmo no capítulo seis, e Ezequiel recebeu o mesmo mandato nos capítulos dois e três. João é prisioneiro quando recebe sua incumbência; Ezequiel e Daniel são cativos em Babilônia, e Isaías vive no contexto histórico do ímpio rei Acáz, de Judá.

“Havia rodas dentro de rodas, em um arranjo tão complicado que, à primeira vista, pareceram a Ezequiel estar todas em confusão. Mas, quando se moviam, era com bela exatidão e em perfeita harmonia. Seres celestiais impeliavam essas rodas, e, acima de tudo, sobre o glorioso

trono de safira, estava o Eterno; enquanto ao redor do trono estava o arco-íris circundante, emblema de graça e amor. Dominado pela terrível glória da cena, Ezequiel caiu sobre o seu rosto, quando uma voz lhe ordenou que se levantasse e ouvisse a palavra do Senhor. Então lhe foi dada uma mensagem de advertência para Israel.” Testimonies, 751.

Depois disto, ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por nós? Então disse eu: Eis-me aqui, envia-me a mim. Isaías 6:8.

“Esta visão foi dada a Ezequiel num tempo em que sua mente estava cheia de sombrios pressentimentos. Ele viu a terra de seus pais jazendo desolada...”

“De igual maneira, quando Deus estava prestes a abrir ao amado João a história da igreja para os séculos futuros, deu-lhe uma garantia do interesse e cuidado do Salvador por Seu povo, revelando-lhe ‘um semelhante ao Filho do homem’, andando no meio dos castiçais, que simbolizavam as sete igrejas. ...

“Estas lições são para nosso benefício. Precisamos firmar a nossa fé em Deus, pois está precisamente diante de nós um tempo que provará a alma dos homens. ...”

“Estamos no limiar de acontecimentos grandes e solenes. A profecia está-se cumprindo rapidamente. O Senhor está à porta. Em breve se abrirá diante de nós um período de interesse avassalador para todos os viventes. As controvérsias do passado serão revividas; novas controvérsias surgirão. As cenas que se hão de desenrolar em nosso mundo ainda nem sequer foram sonhadas. Satanás está em atividade por meio de agentes humanos. Os que estão fazendo esforço para mudar a Constituição e obter uma lei que imponha a observância do domingo mal percebem qual será o resultado. Uma crise está justamente sobre nós.

“Mas os servos de Deus não devem confiar em si mesmos nesta grande emergência. Nas visões dadas a Isaías, a Ezequiel e a João, vemos quão intimamente o Céu está ligado aos acontecimentos que ocorrem sobre a Terra e quão grande é o cuidado de Deus para com os que Lhe são leais. O mundo não está sem um governante. O programa dos acontecimentos futuros está nas mãos do Senhor. A Majestade do Céu tem sob Sua própria direção o destino das nações, bem como os interesses de Sua igreja. ...”

“Na visão de Ezequiel, Deus tinha a Sua mão debaixo das asas dos querubins. Isto serve para ensinar aos Seus servos que é o poder divino que lhes confere êxito. Ele operará com eles, se afastarem a iniquidade e se tornarem puros de coração e de vida.

“A luz resplandecente que se movia entre os seres viventes com a rapidez do relâmpago representa a velocidade com que esta obra finalmente avançará até à sua conclusão. ...”

“Irmãos, não é agora tempo de luto e desespero, nem tempo de ceder à dúvida e à incredulidade. Cristo não é agora um Salvador no sepulcro novo de José, fechado com uma grande pedra e selado com o selo romano; temos um Salvador ressurreto. Ele é o Rei, o Senhor dos Exércitos; assenta-Se entre os querubins; e, em meio à contenda e ao tumulto das nações, ainda guarda o Seu povo. Aquele que reina nos céus é o nosso Salvador. Ele mede cada provação. Vigia o fogo da fornalha que deve provar cada alma. Quando as fortalezas dos reis forem derribadas, quando as flechas da ira de Deus atravessarem o coração de Seus inimigos,

Seu povo estará seguro em Suas mãos.” Testimonies, volume 5, 752–754.

Quatro testemunhas bíblicas atestam o fato de que a mensagem da Revelação de Jesus Cristo é dada àquelas pessoas que são tipificadas por essas experiências do profeta no santuário. É quando entramos no santuário celestial que nos é dada a mensagem que fomos ordenados a proclamar. A “fornalha de fogo” que prova “toda alma” é a fornalha de Malaquias três.

Mas quem suportará o dia da sua vinda? e quem subsistirá quando ele aparecer? porque ele é como o fogo do ourives e como o sabão dos lavandeiros; e assentar-se-á como fundidor e purificador de prata; e purificará os filhos de Levi, e os refinará como ouro e como prata, para que ofereçam ao Senhor uma oferta em justiça. Então a oferta de Judá e de Jerusalém será agradável ao Senhor, como nos dias antigos e como nos primeiros anos. Malaquias 3:2–4.

O refinador sabe que a prata esteve na fornalha pelo tempo exato quando ela está tão pura que reflete o rosto do refinador. Este fato acerca de como a prata era refinada na antiguidade harmoniza-se com o verbo causativo “marah” que Daniel viu no capítulo dez. Nestes últimos dias, o Senhor está conduzindo Seu povo ao santuário para provar, purificar e expurgar os candidatos a fazerem parte do estandarte dos cento e quarenta e quatro mil. Neste período de tempo, “Ele trabalhará conosco”, “se” nós “afastarmos a iniquidade e nos tornarmos puros no coração e na vida”. Alguns, como em Daniel dez, fogem dessa experiência, mas aqueles simbolizados por Daniel, que de fato contemplam a grande visão no espelho da revelação de Jesus Cristo, terão, como Isaías ilustra, os seus lábios tocados com uma brasa do altar e serão purificados e preparados para transmitir uma mensagem tanto a uma igreja apóstata, como depois ao mundo.

A mensagem é apresentada àquelas almas fiéis no santuário. Levítico vinte e três, quando alinhado com a estação pentecostal, foi concebido para refletir a arca da aliança no Lugar Santíssimo. Pela fé, a estrutura das mensagens do capítulo identifica três marcos dentro da história sagrada em que a prova da fornalha é cumprida. Divinamente profundo — a estrutura profética do capítulo vinte e três permite ao estudante de profecia localizar Ezequiel no versículo um do capítulo um.

E aconteceu, no trigésimo ano, no quarto mês, aos cinco dias do mês, estando eu no meio dos cativos junto ao rio Quebar, que se abriram os céus, e eu vi visões de Deus. Aos cinco dias do mês, no quinto ano do cativeiro do rei Joaquim. Ezequiel 1:1, 2.

Como sacerdote durante o tempo do selamento dos cento e quarenta e quatro mil, Ezequiel está no trigésimo ano do décimo sétimo ciclo de Jubileu, cinco anos antes do terceiro de três cercos de Jerusalém por Nabucodonosor em 587 a.C. O trigésimo ano no versículo é trinta anos após o maior reavivamento da história do Antigo Testamento, e é no quinto dia do quinto ano, colocando assim o número cinco sobre o testemunho de Ezequiel. Nos dois versículos iniciais encontramos o trinta identificado uma vez e o número cinco mencionado três vezes. Na estrutura de Levítico vinte e três, alinhada com a estação pentecostal, o segundo teste representado por trinta alcança a festa das trombetas, os cinco dias até a ascensão de Cristo, depois cinco dias até o dia da expiação, depois cinco dias até o marco representando tanto a chuva temporã (Pentecostes) quanto a serôdia (Tabernáculos). A estrutura apresenta trinta, seguido de três passos de cinco. Ezequiel está no templo, e a estrutura de Levítico vinte e três é a Arca.

A história atesta o fato de que Ezequiel, nesse ponto, está cinco anos antes de um cerco simbólico que se conclui tipificando a iminente lei dominical, tal como representada pela destruição de Jerusalém. O número “cinco” é um elemento primário do desenho de Levítico vinte e três, assim como o número trinta.

Tem sido demonstrado nestes artigos que, quando os primeiros vinte e dois versículos do capítulo são alinhados com os últimos vinte e dois versículos, e então essas duas linhas de vinte e dois versículos são, em conjunto, alinhadas com a estação pentecostal, o processo probatório de três etapas, que é o fogo da fornalha de Malaquias, é claramente ilustrado. As três etapas possuem um alfa e um ômega na primeira e na terceira etapas, consistindo numa série de quatro marcos que representam uma etapa.

A Páscoa, seguida pela festa dos pães asmos, seguida pela oferta das primícias da cevada, e então ‘cinco’ dias até ao fim da festa dos pães asmos. Esses quatro marcos constituem o primeiro teste, e Jesus sempre ilustra o fim pelo princípio, e o terceiro teste também é composto de quatro marcos. A festa das trombetas, depois a ascensão de Cristo, seguida pelo dia da expiação, e então, cinco dias mais tarde, a chegada tanto de Pentecostes quanto dos Tabernáculos. Pentecostes é o símbolo da chuva temporã, e os Tabernáculos são um símbolo da chuva serôdia. No modelo de Levítico vinte e três, tanto Pentecostes quanto os Tabernáculos se alinham.

Alegrai-vos, pois, filhos de Sião, e regozijai-vos no Senhor vosso Deus; porque ele vos deu moderadamente a primeira chuva, e fará descer para vós a chuva, a primeira e a última, no primeiro mês. Joel 2:23.

O processo final de prova e purificação começou em 31 de dezembro de 2023. A primeira prova foi a prova fundamental, simbolizada pela controvérsia dos “robbers of thy people”, que dividiu o grupo que havia sido anteriormente provado pelo desapontamento de 18 de julho de 2020.

“Na história e na profecia, a Palavra de Deus retrata o prolongado conflito entre a verdade e o erro. Esse conflito ainda está em andamento. Aquelas coisas que foram hão de repetir-se. Antigas controvérsias serão revividas, e novas teorias surgirão continuamente. Mas o povo de Deus, que em sua crença e no cumprimento da profecia desempenhou uma parte na proclamação das mensagens do primeiro, do segundo e do terceiro anjos, sabe onde está. Tem uma experiência mais preciosa do que o ouro fino. Deve permanecer firme como uma rocha, conservando o princípio da sua confiança firme até ao fim.” Manuscript Releases, volume 1, p. 47.

Em Levítico vinte e três, o primeiro teste é representado por uma combinação profética de três, seguida cinco dias depois pelo fim dos pães asmos. A Páscoa foi o primeiro dia, a festa dos pães asmos foi o segundo dia, e a oferta das primícias foi o terceiro dia. Cinco dias depois, a festa dos pães asmos terminou. A estrutura profética do primeiro de três testes também é representada no terceiro e último teste. Nesse terceiro marco, composto de três marcos seguidos de um, a festa das trombetas é o primeiro dia, e a ascensão de Cristo ocorre cinco dias depois; então, o Dia da Expiação segue cinco dias depois; então, cinco dias depois, tanto o Pentecostes quanto a festa dos Tabernáculos assinalam a iminente lei dominical, que é representada no livro de Ezequiel como a

destruição de Jerusalém.

Entre o fim da festa dos pães asmos e a festa das trombetas há trinta dias, que não apenas representam um símbolo de um sacerdote, mas também a segunda prova das três provas representadas dentro da ilustração Divina.

O batismo de Cristo ilustra os três marcos da Páscoa, dos pães asmos e das primícias, pois esses três marcos representam a morte, o sepultamento e a ressurreição de Cristo. Esses três passos são seguidos por cinco dias até o quarto passo, representado pelo fim da festa dos pães asmos. O batismo apresenta os três passos em um breve momento, quando João batizou seu Messias. As festas da primavera separam esses três passos por um dia cada, e as festas do outono separam esses três passos por cinco dias.

Quando aplicamos o primeiro teste das festas da primavera como uma combinação de três marcos que são seguidos por um marco cinco dias depois; e então aplicamos as festas do outono como três marcos que são seguidos, cinco dias depois, por um marco, estabelece-se uma estrutura profética que consiste em um marco alfa de três seguido por cinco dias, ao qual então se seguem trinta dias, e o terceiro teste das festas do outono como um marco de três seguido por cinco dias — a estrutura ilustra o primeiro teste como abrangendo um total de cinco dias, seguido por um segundo teste de trinta dias que alcança o terceiro marco de cinco dias. Cinco mais trinta, mais cinco é quarenta ($5 + 30 + 5 = 40$).

Ao batismo de Cristo seguiram-se imediatamente quarenta dias, que se concluíram com três provas. Muito mais se pode reconhecer na estrutura de Levítico vinte e três em combinação com a estação pentecostal, mas, em outro nível, o capítulo representa a Arca no Lugar Santíssimo.

As festas da primavera e do outono em Levítico vinte e três são colocadas no meio de dois sábados. Esses dois sábados representam os dois querubins cobridores, e os marcos do caminho da estação pentecostal, alinhados com Levítico vinte e três, representam a Arca e os dois querubins cobridores. Ezequiel é levado ao santuário no capítulo um, e, quando é levado para lá, encontra-se cinco dias antes do cerco que conduz à destruição de Jerusalém, tipificando a lei dominical prestes a vir. A lei dominical é representada por Pentecostes e Tabernáculos em Levítico vinte e três. Ezequiel está no trigésimo ano, e trinta é o período da segunda das três provas que compõem o fogo da fornalha de Malaquias três. A segunda prova é representada por trinta dias, assim como Ezequiel está no trigésimo ano do décimo sétimo ciclo do Jubileu que começou na grande Páscoa de Josias, como os historiadores a denominam. Ezequiel está cinco anos antes do cerco que durou dezoito meses, e ele está no templo, que é o meio das três provas finais que purificam e expurgam o remanescente. Pedro estava em Cesareia de Filipe (Pânio), também no meio de três provas, como representado por Pânio (Cesareia de Filipe), o monte da Transfiguração e a cruz.

Em 592 a.C., Ezequiel é sobrenaturalmente tornado “mudo” e só fala quando Deus lhe abre a boca. Essa condição continua até a queda de Jerusalém em 585/6 a.C. Deus o fizera falar quando o cerco começou, no dia em que morreu “o desejo dos” seus “olhos”, mas não lhe foi permitido falar livremente até que Jerusalém, “o desejo dos” “olhos” de Israel, tivesse caído. A queda de Jerusalém representa a lei dominical prestes a vir, e é aí que o pai de João Batista, um sacerdote da

oitava turma, que foi tornado mudo enquanto servia no templo, que é onde Ezequiel também estava (em visão), também foi tornado mudo por cerca de nove meses. Foi no oitavo dia após o nascimento de João, quando João estava sendo circuncidado, que lhe foi permitido falar. Dois profetas tornados mudos enquanto estavam no santuário. O terceiro profeta a ser tornado mudo enquanto contemplava Cristo no santuário foi Daniel. No capítulo dez, Daniel está no santuário e, exatamente quando está sendo tocado pela segunda de três vezes, ele é tornado mudo. No ponto médio, Daniel é tornado mudo.

E, havendo ele falado tais palavras comigo, voltei o meu rosto para a terra e fiquei mudo. E eis que um como à semelhança dos filhos dos homens tocou os meus lábios; então abri a minha boca, e falei, e disse àquele que estava diante de mim: Ó meu senhor, pela visão se apoderaram de mim as minhas dores, e não retive força alguma. Daniel 10:15, 16.

Falando

O simbolismo de “falar” é assinalado na lei dominical prestes a sobrevir, quando os Estados Unidos falam como dragão, a jumenta de Balaão fala, a visão de Habacuque fala e não mente. Os três profetas mudos, que são emudecidos enquanto estão no santuário, falam por ocasião da destruição de Jerusalém. No caso de Zacarias, ele fala para identificar que o novo nome de seu filho está correto, tipificando assim os filadelfianos, aos quais é dado um novo nome.

Ao que vencer, eu o farei coluna no templo do meu Deus, e dele jamais sairá; e escreverei sobre ele o nome do meu Deus, e o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém, que desce do céu, da parte do meu Deus; e também sobre ele escreverei o meu novo nome. Apocalipse 3:12.

Zacarias recebeu uma tabuinha para escrever o novo nome de família de João.

E aconteceu que, ao oitavo dia, vieram circuncidar o menino; e chamavam-no Zacarias, pelo nome de seu pai. E sua mãe respondeu, e disse: Não; mas será chamado João. E disseram-lhe: Não há nenhum entre os teus parentes que se chame por este nome. E fizeram sinais a seu pai, para saber como queria que ele fosse chamado. E, pedindo uma tabuinha, escreveu, dizendo: João é o seu nome. E todos se maravilharam. E logo a sua boca se abriu, e a sua língua se soltou, e falava, louvando a Deus. Lucas 1:59–64.

O novo nome de João está em harmonia com a igreja de Filadélfia, e o nome Zacarias está em harmonia com Laodiceia, conforme representado pela incredulidade de Zacarias na mensagem do terceiro anjo. Todos os profetas tratam dos últimos dias, e os últimos dias constituem a história do terceiro anjo. Portanto, o anjo que trouxe a mensagem deve ser o terceiro anjo. Zacarias recusou-se a compreender que o Senhor passaria pela igreja Adventista do Sétimo Dia laodiceana. Há mais a dizer acerca da restauração da voz nestes profetas, mas continuaremos a avançar em direção a uma compreensão da linha profética de Josias.

A Roda de Josias

Abordamos o décimo sétimo ciclo do Jubileu que começou na Páscoa de Josias em 622 a.C., mas a linha de Josias começa muito antes de 622 a.C. A rebelião de Israel que levou Saul ao trono como o primeiro rei de Israel marcou os quarenta anos em que o rei Saul governaria, seguidos por quarenta anos em que o rei Davi governaria, seguidos por quarenta anos em que Salomão governaria. A rejeição de Deus, que tanto ofendeu o profeta Samuel, ocorreu em 1097 a.C. e dá início a uma linha profética de rebelião que terminou na cruz, quando os judeus declararam não ter outro rei senão César.

Mas eles clamaram: Fora com ele, fora com ele, crucifica-o. Disse-lhes Pilatos: Hei de crucificar o vosso Rei? Responderam os principais sacerdotes: Não temos rei, senão César. João 19:15.

Em 1097, três reis reinariam durante quarenta anos cada um até à morte de Salomão, em 977 a.C., quando então o reino se dividiu em norte e sul.

E, depois, pediram um rei; e Deus lhes deu Saul, filho de Cis, homem da tribo de Benjamim, por quarenta anos. Atos 13:21.

Davi tinha trinta anos de idade quando começou a reinar, e reinou quarenta anos. Em Hebrom reinou sobre Judá sete anos e seis meses; e, em Jerusalém, reinou trinta e três anos sobre todo o Israel e Judá. 2 Samuel 2:4, 5.

O reinado de Salomão começou em 971 a.C.; o fundamento do Templo foi lançado no quarto ano de Salomão (967 a.C.). A construção durou sete anos (1 Reis 6:37–38), e o Templo foi concluído no oitavo mês do décimo primeiro ano de Salomão. A dedicação formal ocorreu no sétimo mês (o mês de Etanim), durante a Festa dos Tabernáculos (1 Reis 8; 2 Crônicas 5–7). Os reis, o Templo e a nação são, cada um, representados na história por um período de quatrocentos e noventa anos que assinala distintamente um período profético em relação quer aos reis, quer ao Templo, quer à nação.

Daniel foi levado cativo em 607 a.C., embora a maioria dos cronologistas bíblicos identifique 605 a.C. O registro histórico deve harmonizar-se com o testemunho profético, e o simbolismo dos acontecimentos que se encontram historicamente assinalados na linha da história que começa com o desejo de um rei em 1097 a.C. exige, de várias testemunhas proféticas, que 607 a.C. seja a aplicação correta, e não 605 a.C. O ano de 607 a.C. assinala o fim de quatrocentos e noventa anos na linha dos reis, mas também dá início a uma das três representações primárias de setenta anos que ocorrem nessa linha. O ano de 607 a.C. assinala o fim de setenta anos que começaram com o cativo de Manassés em 677 a.C. A primeira representação do símbolo de quatrocentos e noventa anos (que possui três testemunhas na linha) conclui-se onde uma das três testemunhas de setenta anos termina e outra testemunha de setenta anos começa; a estrutura matemática testifica em favor de 607 a.C., a despeito da ideia de que Daniel foi levado cativo em 605 a.C.

Dentro da linha que contém um período de 490 anos associado aos reis, desde 1097 a.C. até 607 a.C., há também 490 anos desde a dedicação do Templo de Salomão até a dedicação do Templo pós-exílio por Zorobabel em 516 a.C. Esses 490 anos consistem em 420 anos desde a dedicação de

Salomão em seu décimo primeiro ano, somados aos 70 anos em que o Templo permaneceu desolado durante o cativeiro, totalizando 490 anos. O terceiro decreto de Artaxerxes veio 59 anos depois, em 457 a.C., e assinala o início de 490 anos que foram “determinados” (cortados, Daniel 9:24) para o povo de Deus, os quais se concluíram no ano 34, no apedrejamento de Estêvão. Há, naturalmente, muitos outros profundos testemunhos cronológicos na linha profética que começa com a apostasia fundacional de rejeitar a Deus e ao Espírito de Profecia em 1097 a.C. e termina quando Estêvão viu Cristo em pé à direita de Deus. Dentro deste testemunho encontramos a roda profética de Josias.

Digo “apostasia fundamental”, pois o início da linha identifica o momento em que Israel rejeitou a Deus como Rei, em seu desejo de ter um rei mundano, assinalando assim o fundamento da monarquia humana de Israel. Escrevo isto também para a roda de Josias, cujo nome significa “fundamento de Deus”, é símbolo tanto do fundamento quanto da apostasia fundamental do povo de Deus.

Quando Salomão morreu e as doze tribos se dividiram em norte e sul, a dedicação, por Jeroboão, do sistema falsificado de adoração foi repreendida pelo profeta desobediente, e sua repreensão continha a profecia de um rei vindouro chamado Josias. Na apostasia fundacional de Jeroboão e das dez tribos do norte, foi predita a profecia de Josias e de seu reavivamento, assinalado pela Grande Páscoa de 622 a.C. Esse reavivamento foi ocasionado pela descoberta dos escritos de Moisés e pela pronúncia de juízo sobre o povo de Deus por sua contínua apostasia. Quando as palavras dos escritos de Moisés foram lidas ao rei Josias, isso produziu o maior reavivamento da história do Antigo Testamento. A profecia de um futuro menino que haveria de nascer, chamado Josias, também continha a condenação profética da apostasia fundacional levantada contra o rei Jeroboão pelo profeta desobediente.

A maldição de Moisés, como Daniel a chama, é os “sete tempos” de Levítico vinte e seis, e tornou-se a descoberta fundamental de William Miller, que é o símbolo das verdades fundamentais do Adventismo. O fortalecimento da mensagem de Miller, em 11 de agosto de 1840, foi produzido por meio da obra de “Josias” Litch em 1838 e 1840. Em 1863, esses fundamentos foram postos de lado, e os “sete tempos” tornaram-se um símbolo não somente das verdades fundamentais dos mileritas filadelfianos, mas também o símbolo da rebelião do milerismo laodiceano contra os fundamentos. A história dos mileritas do primeiro e do segundo anjos possui o simbolismo de “Josias”, que será repetido até a última letra na história dos cento e quarenta e quatro mil. A roda de Josias retrocede até a feitiçaria do rei Saul e, então, vai até a própria rejeição da igreja Adventista do Sétimo Dia laodiceana na lei dominical. A roda de Josias em Ezequiel está agora no processo de ser desselada como o clímax do selamento dos cento e quarenta e quatro mil.

Continuaremos estas questões no próximo artigo.